

06-12-2024

## MIL ESCALAS RUMO AO CEARÁ

**Josué Euclides Hetinguer**

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Antes de rumar ao Ceará pra fazer minha formação em Economia Doméstica, eu falava da escala 6X1: o tema da moda em matéria do populismo romântico da esquerda. Ou romantismo populista, já que a esquerda brasileira perdeu o rumo em matéria de dialogar com as massas que almejam comer a famigerada picanha que nunca chega. Eu, como empreendedor na área da Economia Doméstica consigo ter picanha no meu freezer. Sei que sou um privilegiado, tantas vezes ridículo e sempre óbvio, mas não vou em conversa mole pra boi dormir, nem da esquerda (essa que está aí), e muito menos da direita que conheço bem “*talhada-para-o-nazi*”, como eu mesmo, catarinense, já fui um dia. Hoje, no Brasil, mais de 50% dos trabalhadores formais cumprem a jornada 6X1, nos vários setores da economia, principalmente nos distintos ramos do comércio, da saúde, dos transportes, da indústria e da agricultura. O romantismo esquerdista, talvez pela falta de assunto, por não redistribuir renda, não fazer a reforma agrária e não desencadear a essencial e idosa reforma da educação, fica querendo resolver a questão da saúde e a educação com a tal escala. Em matéria de saúde do trabalhador, então, tema protagonista desta coluna, a questão é grave, muito grave. Quem garante que trabalhar um dia a menos, ou dois, vai resolver a saúde das pessoas? A sobrecarga, o assédio, o desrespeito, a culpabilização se dão em minutos, seja qual for a escala de trabalho. O direito humano no trabalho se conquista de outra forma. E não me perguntem se eu sou contra a redução da jornada. Já falei que sou a favor de 12,5 horas por semana de jornada de trabalho para cada brasileiro. Só não a sigo, por ser empreendedor por conta própria, para que não escasseie a picanha do meu freezer. No caso do trabalho informal, que representa cerca de 40% do mercado de trabalho brasileiro, como se pode falar em escala de trabalho? A conversa é muito outra: é direitos, garantias, seguridade, dignidade, diálogos e um Estado brasileiro com ouvidos (Estado-ouvinte). Eu mesmo que estou nesse imbróglío, mesmo sendo, hoje, um privilegiado, careço de um país que limpe a cera dos seus ouvidos, se é que Ele os têm. Em virtude de meu faturamento tive que migrar de MEI para microempresário, embora eu continue sendo um empreendedor individual, já que só contrato empregados eventualmente, de acordo com a demanda. Para encerrar esse assunto da escala 6X1 e partir pro Ceará, vou dar um exemplo.

Quando conheci a Dona Rosangela Gaze no cinema, motivo de eu ter virado colunista, o que muito me honra, pois sempre gostei de escrever e sou um leitor voraz, somente inferior à minha voracidade por picanha, antes do saco de pipoca cair no chão eu estava quieto em meu canto observando o saguão. Havia lá uma menina vendendo a pipoca, um porteiro, um lanterninha (não sei se ainda é esse o nome) na porta da sala de projeção e uma senhorinha passando um pano no chão próximo à portaria. Na hora da explosão das pipocas, hora em que abaixei pra ajudar a Dona Rosangela a catá-las, eu proferi a frase que me faz estar aqui agora: *os trabalhadores com carteira assinada (ou assassinada) só fazem o que é obrigado, não têm a iniciativa do improviso solidário, e por isso sou MEI*. O resto vocês já sabem. Pois bem, fico pensando na escala 4X3 da deputada do PSOL. Cinema funciona direto, principalmente nos fins-de-semana. Com a escala proposta, são várias as alternativas: ali, ao invés de quatro trabalhadores seriam dois OU seriam os mesmos quatro mais sobrecarregados pela escala dobrada OU seriam quatro, sendo dois precarizados, sem contrato, OU seriam três OU seriam dois OU seria um OU não haveria pipoca (o que poderia ter me aliviado os joelhos) OU seriam os mesmos quatro e o ingresso seria o dobro OU não haveria cinema OU e vai por aí. Esse romantismo populista da esquerda pra salvar as aparências de governos que não tocam na essência das coisas fundamentais me incomoda e me garante uma certa independência de pensar o mundo sem dar bola pros que prometem um mundo que não honram. Quando alguns amigos dizem que eu sou do Centrão eu dou gargalhada e digo que esse povo do Centrão é o povo mais escroto da política. Há um equívoco das pessoas que acham que você ser crítico da direita e da esquerda o coloca no centro. É óbvio, o que sou sempre, que a crítica nunca está no centro de uma esfera, de uma bola, como se política fosse uma disputa de planeta redondo ou não. A crítica às correntes político-partidárias de direita-esquerda e centro é ocupar o vértice de um triângulo e desalojar as correntes de ocupação desse vértice. O triângulo é uma pirâmide em que a base é a população miserável, faminta e desprovida. Somente a crítica permanente e atenta pode reocupar esse latifúndio do vértice.

Assim que saí da corretora, dois dias depois já estava na estrada com meu Celta novinho. Com meu apêzinho alugado, uma graninha razoável no bolso e no banco (com o plus da corretora) falei pro carrinho: vamos pro Ceará. Ele perguntou: 3 mil e 700 km? Disse que sim e seguimos viagem. Claro que fui pelo litoral e parando, sempre com calma.... ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.